



Histórias contadas, histórias construídas*

*Bernardo Tanis***, São Paulo

O objetivo deste trabalho é revisitar o clássico e polemico tema do cruzamento clínico-conceitual entre história, memória e temporalidade. O autor ilustra clinicamente sua perspectiva e propõe algumas ideias em torno da atualidade e valor das construções no processo analítico e das tramas que constituem nossa subjetividade. Dialoga com psicanalistas e pensadores da história que aprofundaram o assunto concluindo que o esforço em direção à história aponta para o reconhecimento do lugar da história traumática, diferente de uma história factual, como será explicitado ao longo do texto, e das condições e possibilidades de sua simbolização.

Descritores: memória, temporalidade, história, construções em análise, simbolização.

* Trabalho apresentado no XIV Simpósio de Psicanálise do Núcleo da Infância e Adolescência (NIA) da SPPA.

** Psicanalista. Doutor em Psicologia Clínica. Membro efetivo e docente da SBPSP. Editor da *Revista Brasileira de Psicanálise*.



“Podia reconstruir todos os sonhos, todos os entressonhos. Duas ou três vezes havia reconstruído um dia inteiro, não havia jamais duvidado, mas cada reconstrução havia requerido um dia inteiro. Disse-me: Mais lembranças tenho eu do que todos os homens tiveram desde que o mundo é mundo. E também: Meus sonhos são como a vossa vigília. E também, até a aurora. Minha memória, senhor, é como depósito de lixo. Pensei que cada uma das minhas palavras (que cada um dos meus gestos) perduraria em sua implacável memória; entorpeceu-me o temor de multiplicar trejeitos inúteis” (J. L. Borges).

Vivemos tempos diferentes daqueles da Viena do início do século XX. São muitas as diferenças desde a perspectiva cultural, econômica e subjetiva, que inclui novas configurações psíquicas e psicopatológicas assim como os efeitos da presença massiva do mundo virtual. Tenho constatado, ao longo desses anos em que venho trabalhando na formação de jovens terapeutas e analistas, que resulta bastante difícil uma aproximação a certas teorizações freudianas. Não é raro que seja lido com o respeito de uma doutrina fundadora, para depois ser deixado de lado. Ainda que estejamos atentos às transformações do lugar do analista em função de determinadas configurações psíquicas, devemos reconhecer a importância de seu pensamento e método clínico para a prática atual. Por que menciono isto? Pois os temas do histórico-vivencial, da realidade material e do modo da sua inscrição no psiquismo, assim como das construções em análise, constituem um eixo do pensamento teórico-clínico freudiano desde seu *Projeto de uma psicologia para neurólogos* (1895) até *Moisés e a religião monoteísta* (1939). Isso nos conduz a pensar em como nós, analistas do Brasil do século XXI, podemos nos apropriar do seu legado.

Meu objetivo não é apresentar para vocês uma proposta fechada, ao contrário, buscarei problematizar, abrir questões a partir do pensamento psicanalítico e de alguns pensadores da cultura e da história. Revisitar o tema da história, da memória, da temporalidade, das construções psíquicas é ir ao encontro do cruzamento das tramas que constituem nossa subjetividade, que se articulam



naquilo que Freud chama de *infantil* (Tanis, 1995a), que, diferentemente da infância, trata-se da repetição das condições de emergência da estruturação do sujeito que impõe à análise determinados caminhos. Talvez assim, ao encaminhar nossa análise a partir da transferência de aspectos do infantil, possamos ressignificar certos elementos esquecidos fundadores das matrizes do pensamento psicanalítico à luz do presente, das novas descobertas.

Psicanálise e história

A história ou as histórias fazem parte da comunidade dos homens desde a origem dos tempos. Quantas histórias não existem na *Bíblia* e nas narrativas dos povos, desde narrativas míticas sobre a origem do mundo, origem de um povo, de uma nação, histórias épicas, de batalhas, vitórias e derrotas, histórias de amor e de vinganças.

Há uma ideia muito presente e bonita que norteia estas narrativas. É como se elas oferecessem uma representação indentitária ao grupo, algo vinculado ao mito das origens, ao mito fundador e, sem dúvida, vinculado às histórias infantis e ao modo como Freud concebe as profantasias (sedução-castração e cena primária) nas quais se figura a origem do indivíduo, o lugar do outro e da cultura. Há também as histórias infantis que vão ao encontro das experiências de angústia e de terror na infância. De modo semelhante, os desejos sexuais e agressivos encontram nas narrativas um continente representacional, figurativo para estas emoções tão intensas. Pareceria que tanto os homens quanto as instituições, os povos, as nações modernas e o eu individual precisam construir uma narrativa que dê conta da sua origem e que a situe no coletivo, seja ele familiar ou até nacional.

Todos sabemos que o eu tem uma compulsão à síntese e a memória é inexoravelmente lacunar e fragmentada, seja pelo recalque, pelo não constituído ou não simbolizado, seja pelo traumático (falaremos posteriormente destes assuntos), a história de si mesmo e da trama familiar será preenchida, recheada por narrativas que buscam dar coesão e liga (espécie de implantes, próteses) e cujo estatuto obedece em parte ao registro do que Freud chamou de *lembrança encobridora*. Sabemos também que as histórias dos povos são muitas vezes apenas a história dos vencedores, a história oficial, ou mesmo a história de certos regimes políticos nos quais algumas personagens foram apagadas das fotos.

Há um momento em que as histórias que hoje constituem o campo da ficção se separam de outro campo que passa a se constituir como um campo do saber



sobre os fatos do passado. Esta separação dos saberes e dos discursos busca uma racionalidade e uma objetividade. Procura-se definir um objeto e um método de conhecimento. Nasce uma concepção científica de história positivista que procura estabelecer uma verdade sobre o passado. Identificamos aqui a história-relato (seja de acontecimentos, batalhas, política ou panorâmica). Mesmo que muitas vezes explicativa, pressupunha um corte entre passado e presente. Dominante no sec. XIX, este modelo tem sido questionado por outras abordagens menos idealizadas.

Dentre as abordagens menos historiográficas e positivistas, a do filósofo Walter Benjamin (Berlim, 1892, Portbou, 1940) apresenta uma reflexão que é de extrema importância para compreendermos as transformações do mundo moderno. Comentando a proposta benjaminiana da história, diz Didi-Huberman:

A revolução copernicana da história consiste, em Benjamin, em passar do ponto de vista do passado como fato objetivo ao passado como fato de memória, vale dizer como fato em movimento, fato psíquico tanto como material. A novidade radical é que ela não parte dos fatos passados em si mesmos (uma ilusão teórica), mas do movimento que os lembra e os constrói em saber presente do historiador (Didi-Huberman, 2011, p.155).

Estamos aqui claramente numa perspectiva psicanalítica da relação dos tempos e do modo como se articulam. Para a psicanálise de inspiração freudiana

A memória – em toda sua complexidade – guarda consigo a *capacidade de resgatar o tempo da história*. Não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual. O modelo metapsicológico do sonho coloca como paradigma o movimento regressivo não como uma volta ao passado; esta seria uma leitura ingênua, de pouco alcance. Alude à força sísmica de um infantil que se recusa a ser esquecido e se coloca perante a consciência como a Esfinge ante Édipo (Tanis, 1995a, p. 63).

Vejam com que clareza e força poética Walter Benjamin, na elaboração das suas teses *Sobre o conceito da história*, escritas em 1940, se aproxima da visão freudiana da memória e faz emergir o potencial evocativo do sonho: “Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (Benjamin *apud* Löwy, 2005, p. 65). Aqui radica, para Benjamin, o potencial presente do passado, do mesmo modo que, para nós, psicanalistas, o



potencial do infantil pulsa na situação transferencial. Este instante de perigo metaforiza para nós, analistas, tanto a vivência transferencial nas configurações neuróticas quanto o potencial traumático-pulsional do inscrito não metabolizado que comanda a compulsão à repetição e as angústias impensáveis.

Essa afirmação, segundo assinala Jean Marie Gagnebin, é uma recusa clara ao ideal da ciência histórica que Benjamin, pejorativamente, qualifica de historicista e burguesa, ciência esta que pretende fornecer uma descrição, a mais exata e exaustiva possível, do passado. Essa recusa de Benjamin fundamenta-se em razões de ordem epistemológica e, inseparavelmente, ética-política. Ele denuncia

[...] a impossibilidade epistemológica de tal correspondência entre discurso científico e “fatos” históricos, já que estes últimos adquirem seu *status* de “fatos” apenas por meio de um discurso que os constitui enquanto tais, nomeando-os, discernindo-os e distinguindo-os nesse magma bruto e não linguístico “que, na falta de algo melhor, chamamos de real”, como diz Pierre Vidal-Naquet. Nós *articulamos* o passado, diz Benjamin, nós não o descrevemos, como se pode tentar descrever um objeto físico, mesmo com todas as dificuldades que essa tentativa levanta, das classificações de Lineu aos *Métodos* de Francis Ponge (Gagnebin, 2006, p. 40).

O que será esta articulação do passado na nossa singularidade a não ser estas histórias construídas no contexto da análise sobre as quais, com muita inspiração, a comissão organizadora do simpósio nos convida a refletir?

Problemas do psicanalista –, problemas do historiador

Pois bem, se todos concordamos com a tese freudiana-benjaminiana de que *não há história além da que podemos narrar/construir “desde a atualidade do presente”*, podemos celebrar o nosso consenso. No entanto não nos regozijemos, pois nossos problemas e conflitos apenas se insinuam e temos muito trabalho pela frente. Nicole Loraux (1992) expõe as dificuldades metodológicas do historiador, que se relacionam, entre outras coisas, com um aparente paradoxo: como não saturar o passado de concepções presentes, quando é deste (presente) que partem os impulsos do investigador? Como não moldar o passado em função das ideologias, modelos ou interesses do presente? Como não tornar o passado a imagem projetada do investigador?



Também o psicanalista se questiona sobre a objetividade dos fatos, a veracidade da história narrada pelos pais, tios ou babás e, de modo geral, optamos, como psicanalistas, pela cena na qual ocorrem a transferência e nossa contratransferência, pilares que constituem do campo intersubjetivo da situação analisante. Mas que garantias temos de que não serão as nossas teorias, nossas afinidades eletivas, nossos pontos cegos que irão nortear as *histórias construídas* no cenário transferencial? Este debate tem longa data. Já aparece nas discussões que se travaram entre Freud e Jung em torno da sexualidade infantil e da realidade das cenas traumáticas. Recorro a um livro muito interessante que já tem seus quarenta anos (provavelmente os mais jovens na plateia não o conheçam). Em *A construção do espaço analítico*, Serge Viderman (1990/1970), psicanalista francês, trabalha de modo extremamente interessante, e não menos polêmico, o lugar da história e da reconstrução na análise. Citaremos brevemente duas de suas hipóteses básicas:

a) [...] será legítimo falar de uma história do sujeito, uma vez que ela se revela dentro de uma situação e um enfoque tão específicos (situação analítica e campo transferencial), que é possível, com muita justeza, colocar em dúvida a objetividade das construções? [...] *na realidade psíquica a qual o espaço analítico nos faz ter acesso, a história dá lugar ao mito e a realidade dos acontecimentos históricos à projeção pulsional* [...]; b) teremos que admitir que o campo da análise é expresso por um conjunto de coordenadas que o organiza especificamente e que a realidade que aí surge participa necessariamente de sua estrutura (Viderman, 1990/1970, p. 23, grifos meus).

As observações de Viderman são muito agudas e seu livro é dedicado a fundamentá-las¹. No entanto, quando publicada, sua obra suscitou uma fervorosa polêmica no meio psicanalítico francês. Se seguirmos com atenção suas afirmativas, veremos que não diferem daquelas colocadas por Loraux a respeito dos problemas do historiador. A primeira se refere a um tempo passado que, ao ser reconstruído, obviamente não conta com garantias de fidedignidade, dado também que o próprio objeto já sofreu transformações. Se este alerta nos parece sensato frente à onipotência de alguns analistas ou historiadores, não nos parecem tão óbvias as suas conclusões: “a história dá lugar ao mito, e a realidade do

¹ Principalmente nas análises críticas que faz ao estudo de Freud (1914) *De la historia de una neurosis infantil (caso del «Hombre de los Lobos»)* e ao seu trabalho sobre a *Lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (1910).



acontecimento à projeção pulsional” (*idem*). Parece que aqui o autor joga fora o bebê junto com a água do banho. Explicitando: entre a dificuldade de escrever a história e a construção de um mito há um espaço que não se reduz a zero, assim como também entre o acontecimento e a pura fantasia projetiva.

O mesmo acontece com sua segunda hipótese: é bastante provável que o que acontece no campo analítico dependa da própria estruturação do campo e que a possibilidade de nomear certos fenômenos dependa da metapsicologia empregada pelo analista, assim como da elaboração da sua contratransferência. No entanto, isto não implica em concluir que os sintomas e a eficácia do inconsciente só tenham lugar nesta situação específica. Só poderemos combater o risco da ideologia ou da tirania de nossos modelos se estivermos cientes destes riscos, levando em consideração a determinação histórico-metodológica dos mesmos. Nisto sim concordamos com Viderman.

O historiador se aproxima da questão tentando lidar com o paradoxo:

Entre o atual e o antigo, quem pretende controlar o jogo do anacronismo deve ir com cautela; a maior mobilidade é requerida: é preciso saber ir e vir e sempre se deslocar para proceder às necessárias distinções. Em outros termos, nenhuma identificação com um sentido único é duradouramente possível [...] (Loraux, 1992 p. 64).

O que chama atenção nesta citação é a referência da autora ao movimento de deslocamento, movimento este que permite fazer as distinções necessárias. Este ir e vir do sujeito do objeto presente ao passado, do antigo ao novo, do inconsciente ao consciente, do primário ao secundário, encerra a possibilidade de que em algum momento se instaure uma distinção enquanto apropriação de um sentido sobre si mesmo, sentido que permite situar o sujeito numa sequência temporal até então marcada pela repetição. Desde esta perspectiva e antes de apresentar um breve material clínico, destaco que o que interessa hoje ao psicanalista não é uma história que extraia fatos, uma verdade pré-existente, mas sim uma *historização simbolizante*, que, apontando para o novo, para a neogênese, não deixa de recuperar duas noções centrais do pensamento clínico freudiano: o *après coup* e o apoio (*Anhelung*), em uma relação em que fantasia e evento estão irremediavelmente entrelaçados.

Como assinala Mourice Dayan: “Longe de se oporem como interno e externo e a *fortiori* como subjetivo e objetivo, fantasia e evento estão entrelaçados não apenas na origem da psicanálise, mas também na realidade do passado infantil” (Dayan *apud* Tanis, 1995a, p. 83). Ainda com maior força após a virada dos anos



20, “Parece que entre a impressão recebida e o desejo experimentado existe um vínculo diferente daquele expresso pela nostalgia de uma satisfação, um vínculo que poderíamos chamar de traumático-pulsional que se situa para além do princípio do prazer” (Dayan, 1985, p. 380).

Uma situação clínica

Para não ficarmos apenas no campo teórico, tratemos um pouco de algumas situações clínicas nas quais as construções, as histórias construídas, podem ter lugar e, mais do que isso, um lugar significativo no contexto da análise com crianças. Falemos de uma criança cuja mãe me procurou, pois seu filho mais novo apresentava algumas irritações na pele, nas mãos e nos pés, e, segundo seu relato, falava muitas mentiras, inventava histórias. A história narrada fala de um relacionamento conturbado, pois casa-se com um homem, seu funcionário, sem a aprovação de sua família. Trata-se de um casamento que tem muitas dificuldades para ser legitimado. Ela própria deixa transparecer uma ambivalência em seu discurso. Têm um primeiro filho e, próximo à separação, um segundo, meu paciente. O marido não visita as crianças e ela tem muitas queixas e desprezo por ele. Algum tempo depois conhece outro homem e a história se repete.

No início da análise de Gabriel, ele se mostra reservado e muito desconfiado. Uma menção ao pai nos primeiros tempos da análise suscita um movimento de raiva, hostilidade e um desejo de interromper a análise. Contornada a situação, a análise tem sequência. Algumas características, listadas abaixo, marcam a situação analítica com Gabriel.

a) Gosta de brincar, procura situações de competição que vão progressivamente acirrando-se. Conversamos sobre sua relação com os colegas, os grandes e os pequenos. Ele desperta em mim sentimentos de ternura, uma espécie de vontade de adotá-lo. Nitidamente vai-se configurando em Gabriel a busca de um objeto paterno rival e ao mesmo tempo protetor. Evito nomear, minha atitude é mais de oferecer um espaço e uma presença para que aspectos ausentes na vida de Gabriel possam, no espaço analítico, ganhar forma e configuração (Tanis, 2009a).

b) Emergem situações de rivalidade fraterna também com os colegas da escola. Inicia-se uma fase na qual me fala de machucados: “– Olha aqui, caí e me machuquei!”, diz, mostrando-me um pequeno hematoma, “– Fulano me derrubou”. Digo-lhe que, assim como os colegas são meninos que fazem brincadeiras divertidas, às vezes se machucam. Digo-lhe também que, embora ele seja forte,



parece estar assustado e buscando que eu possa tranquilizá-lo (opto por não nomear o desamparo, mas, desde o meu lugar de analista, ocupar o lugar de quem pode acolher a sua preocupação e oferecer-lhe um espaço para cuidar dela).

c) Quer usar meu computador, diz que a mãe não deixa, quer aprender xadrez.

d) Realiza pequenos furtos em casa, tem dificuldade de assumi-los, mas diz que com o dinheiro vai comprar o que quiser. Quando indago sobre o que teria vontade de comprar, sua fala é vaga, não demonstra coerência. Nitidamente percebo que estamos diante de um distúrbio sintomático. Há algo que ele não tem e busca ter, compensar uma ausência. Neste contexto, começamos a falar do pai, do que os outros têm e ele não. As fabulações, as mentiras, os pequenos furtos começam a ganhar um sentido.

No caso acima relatado, vemos duas histórias: uma narrada pela mãe e outra traumático-vivencial, experimentada no espaço potencial da análise, entre a realidade externa da ausência do pai e a realidade da situação analítica na qual essa ausência, a partir do vínculo presente com o analista, pode ser experimentada de modo menos desestruturante, dando lugar a uma nova relação com essa história que implica o reconhecimento de uma ausência, ao mesmo tempo que provê um modo menos compulsivo de lidar com a mesma. O que aparecia com angústia sem nome começa a ganhar representação. A história narrada não oferecia condições mínimas de simbolização; somente a partir da experiência emocional vivenciada e compartilhada na análise, criam-se as condições de representar e simbolizar. O caminho para Gabriel é longo, essa é apenas uma volta na roda viva da vida. Muitos momentos ainda hão de convocar essa ausência e novas angústias far-se-ão presentes como o retorno de um vazio. A situação analítica poderá ter o potencial de se inscrever como memória simbólica e função simbolizante e talvez o ajude a enfrentá-las.

Alguns aprofundamentos necessários

Em *Construções em análise* (1937), um dos últimos trabalhos nos quais discorre sobre a técnica analítica, Freud preocupa-se menos com a interpretação e mais com o que denomina *construção*. Quando ele compara o trabalho do arqueólogo ao do analista, dirá que este último se encontra numa situação privilegiada, pois possui algo de que o arqueólogo não dispõe: “[...] as repetições de reações que provêm dos primeiros tempos da infância e tudo quanto é mostrado



através da transferência em decorrência destas repetições” (Freud, 1937, p. 261). Mas Freud vai ainda mais longe quando diz, na sequência, que tudo o que é essencial na vida psíquica conservou-se “de algum modo, em alguma parte”, só que está “soterrado” e que trata-se de uma questão de técnica analítica trazer tais vestígios à luz.

Freud percebe, à medida que avança nas suas teorizações, as diferentes modalidades de inscrição psíquica da experiência, assim como os diferentes graus de registro mnêmico, desde as formas mais evoluídas, capazes de evocação através da lembrança, até experiências de natureza traumática, cujos traços jamais poderão ser evocados, inscrições psíquicas que vagam desligadas pelo aparelho psíquico, extremamente pobres em representação, mas capazes de produzir estados afetivos caóticos. Como assinalou Green (2002), *um máximo de expressão e um mínimo de simbolização*.

No caso descrito, temos o psiquismo de Gabriel constituído e preservado, mas com sérios riscos de que a inscrição de uma ausência não simbolizada poderia conduzi-lo a um sério distúrbio de comportamento. O grande desafio da psicanálise contemporânea frente às patologias do vazio, não neuróticas, mas fenômenos psicossomáticos, traumatismos narcísico-indentitários, tem sido a busca de uma aproximação clínico-teórica para este último regime de funcionamento psíquico:

a) as *lembranças* designadas como tais, conscientes, recuperadas pela psicanálise, inclusive as encobridoras, mais ou menos intrincadas com as fantasias etc.;

b) os *derivados mnêmicos*, como elementos contextuais na periferia do conteúdo das lembranças (como os evocados por Freud em *Construções em análise*, 1937), os sonhos, os delírios, as repetições atuadas etc.;

c) a *memória amnésica*, a compulsão à repetição, os estados de despersonalização ou somatização etc.

Green coloca em evidência os diferentes aspectos do objeto psicanalítico, aponta de forma muito categórica a impossibilidade de uma redução do objeto psicanalítico e aponta a necessidade de se construir um modelo metapsicológico cada vez mais complexo, a fim de dar conta de fenômenos tão particulares. Essa grade teórica proposta por Green nos conduz a pensar que, se quisermos entender a memória como um dos elementos constitutivos do infantil psicanalítico, devemos compreender o regime de funcionamento dessas diferentes modalidades de inscrição psíquica, que têm como corolário fenômenos psíquicos tão particulares.

Para nós permanece a seguinte pergunta: podemos falar, nesses processos analíticos, em história construída? Que sentido teria essa história para além de



uma narrativa vivida na experiência compartilhada da dupla analítica? Não seria suficiente para os objetivos do processo analítico apenas reconhecer a vivência no contexto da situação de análise, a contenção e interpretação das identificações projetivas e os ataques maciços ao objeto? Donald Spence, quando se refere à verdade narrativa, também se interroga a respeito dessas questões:

É possível que o registro do caso se torne autossuficiente, que ele se explique sozinho e que, a partir daí, seja acessível a qualquer leitor munido apenas de uma capacidade-padrão? Se for assim, estaremos no começo de uma disciplina compartilhada; caso contrário, estaremos condenados a um subjazer perpétuo de “textos” privados e a intelecções individuais (Spence, 1982, p. 243).

As respostas não têm sido unânimes. Para analistas como Bion e Winnicott, a situação analítica não é compreendida pelo clássico modelo de transferência formulado por Freud. Bion (1965) privilegia as transformações. Para dizê-lo de modo simples, Bion ([1962] 1991) aborda as funções de metabolização de elementos beta (inaptos para representação) em elementos alfa, signos que favorecem o processo de simbolização; os elementos *beta* não seriam aptos para a atividade de simbolização e seu destino, se não metabolizados, seria a evacuação mental, favorecendo atuações desestruturantes; já os elementos alfa, oriundos da função de rêverie materna, constituem a matéria-prima do sonho. Tomando essa direção, a clínica inspirada nas teorizações de Bion se transforma, a interpretação da transferência dá lugar à função onírica simbolizante no contexto da sessão. Assim, para Ferro (1995), o que conta não é tanto a atividade interpretativa decodificadora, mas a real transformação das identificações projetivas do paciente.

Outra vertente, oriunda do pensamento de Winnicott ([1971] 1975), põe sua atenção nos primeiros tempos da constituição do psiquismo, nas patologias do que Winnicott chamou de *sustentação* ou *holding*, fracasso primitivo do ambiente que impediu as funções de integração primária do *self*, de integração psicossomática e personalização. Assim, o lugar do analista sofre nova alteração como suporte para os processos integrativos, buscando ligar representações desarticuladas do *self*.

Bleichmar (2001, 2011), trabalhando sobre esses mesmos quadros clínicos, enfatiza a atividade do analista em torno dos traços que poderão emergir na sessão, criando o que denomina *simbolizações de transição*. Trata-se, em ambos os autores, de uma clínica atual focada, acima de tudo, nos processos de simbolização. Bleichmar (1993) trata de avaliar a pertinência da repetição das condições de



emergência e estruturação do aparelho psíquico, que, de algum modo, impõe à transferência determinados caminhos. O infantil, assinala, é inseparável do pulsional, alude a um modo de inscrição e funcionamento do sexual. Nesse sentido, é indissociável dos tempos de constituição do inconsciente.

Abrem-se aqui as portas de uma concepção que questiona o endogenismo absoluto, mas reconhece o papel do intrapsíquico na formação da neurose e na possibilidade da cura. Por outro lado, assinala a importância do intersubjetivo reconhecendo os restos, *metabola* (noção originada no pensamento de Laplanche), das inscrições que provêm do semelhante sem que estas tenham um caráter absoluto, atemporal ou transcendental. Isso remete às reflexões de Bleichmar (1993) quanto ao reconhecimento da captura na qual o sujeito se constitui em relação aos seus próprios desejos inscritos e reprimidos no inconsciente, ainda que eles possam ser efeitos residuais de impulsos desejantes que provenham do semelhante² (Bleichmar, 1993, p. 210).

Isso nos conduz a uma tese central em torno do valor da história. Não se trata da verdade material no sentido da possibilidade de recuperar os acontecimentos, também não diz respeito a uma nova narrativa totalmente desvinculada das marcas que, de modos diversos, se inscreveram no psiquismo. Tampouco se trata de uma submissão à ideia do incognoscível. O esforço em direção à história aponta para o reconhecimento do lugar da história traumática, como é explicitado ao longo de todo este trabalho, e às possibilidades de sua simbolização.

A modo de conclusão

Há muitos anos, atendi uma criança que poderia ser diagnosticada como portadora de um severo quadro de déficit de atenção e hiperatividade. Mas, psicanaliticamente falando, era tomada por vivências de despersonalização, de não integração e pela falta de uma imagem unificada de si. O trabalho com ela era extremamente difícil e extenuante. Reparei uma vez, antes da sessão, na imagem de um cometa se esfacelando na capa de uma revista. Ela também reparou na imagem. Utilizamos essa figura para falar dela de como era impraticável gerir

² Esse esforço de superar posturas dicotômicas conduziu a autora a um estudo sistemático das contribuições dos autores de origem inglesa como Klein, Bion, Winnicott, Tustin, entre outros, assim como discípulos de Lacan como Mannoni e Dolto. O resultado desse percurso estimulante está registrado em vários livros (dois deles constantes da bibliografia apresentada adiante) e testemunha um esforço de compilação crítica das diferentes contribuições teórico-clínicas.



estes fragmentos. Ocorreu então uma transformação substancial. Não houve interpretação, mas sim um processo de figurabilidade que permitiu construir uma representação. A isto se seguiu a invenção compartilhada de um planeta no qual as pessoas que o povoavam tinham este modo curioso de funcionar. Durante algumas sessões, pela primeira vez em meses, sua atenção se focara em uma atividade por mais de três ou quatro minutos. Concluímos, como diria Botella, que “as representações assim veiculadas diminuem, despertam a figuração na criança e diminuem a pressão desorganizadora do contingente pulsional pré-representado” (Botella, 2002, p. 31).

Mas este modelo de intervenção não acontece apenas no trabalho analítico com crianças com severas patologias, ele se estende às situações com outros analisandos nas quais o gesto, o traço, muitas vezes desesperado, é um apelo movido pela angústia à criação de algum tipo de representação. É interessante notar que esta representação muitas vezes emerge no analista não como uma construção verbal, mas pode ser uma imagem, um filme, uma sensação física, ou até um cheiro. Aqui, a análise se aproxima do processo de criação artística no sentido específico de que algo da ordem de uma vivência se articula numa forma.

Concluímos nosso percurso apoiados nas reflexões de Bleichmar (1993, 2001, 2011) de que seria nos resíduos processados pelos sistemas psíquicos, nas marcas do vivido, nos vestígios, que a psicanálise poderia encontrar recursos e construir novas redes nas quais as descobertas se entrelaçam, sem ceder à tentação conformista de se limitar a encontrar o já dado. Estamos sempre atentos às possibilidades de enriquecimento e transformação no esforço de que, através das simbolizações, em um processo de criação e recomposição, novas modalidades de funcionamento psíquico poderão advir. □

Abstract

Stories told, stories constructed

The objective of this paper is to revisit the classic and controversial subject of the clinical-conceptual crossing between story, memory and temporality. The author illustrates his perspective clinically and proposes some ideas in regard to contemporaneity and value of constructions in the analytical process and the plots that compose our subjectivity. The author establishes a dialogue with psychoanalysts and historical thinkers who have furthered the subject concluding that the effort towards the story points to the recognition of the site of the traumatic



Bernardo Tanis

story, different from the factual story, as the author points out throughout the text, and on the conditions and possibilities of its symbolization.

Keywords: memory, temporality, story, constructions in analysis, symbolization.

Resumen

Historias contadas, historias construidas

El objetivo de este trabajo es visitar el clásico y polémico tema del cruzamiento clínico-conceptual entre historia, memoria y temporalidad. El autor ilustra clínicamente su perspectiva y propone algunas ideas acerca de la actualidad y valor de las construcciones en el proceso analítico y de las tramas que constituyen nuestra subjetividad. Dialoga con psicoanalistas y pensadores de la historia que profundizaron el tema concluyendo que el esfuerzo en dirección a la historia apunta al reconocimiento del lugar de la historia traumática, diferente de una historia factual, como se explicará a lo largo del texto, y de las condiciones y posibilidades de su simbolización.

Palabras llave: memoria, temporalidad, historia, construcciones en análisis, simbolización.

Referências

- Benjamin, W. (1940). *Teses de filosofia da história*. “Sobre o conceito de história”. Paulo, Bom tempo, 2005.
- Bion, W. (1962). *Learning from experience*. London: Karnac, 1991.
- _____. (1965). *Transformations*. London: Karnac, 1991.
- Botella, C.; Botella, S. (2002). *Irrepresentável, mais além da representação*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Bleichmar, S. (1993). *La fundación de lo inconsciente*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Dayan, M. (1985). *Inconscient et réalité*. Paris: PUF.
- Didi-Huberman, G. (2011 [2010]). *Ante el tiempo*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo. Título original: *Devant le temps*.
- Ferro, A. (1995). *A técnica na psicanálise infantil*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1910). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Vol. 11, pp. 59-126), Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1914 [1918]). *De la historia de una neurosis infantil (caso del “Hombre de los lobos”)*. Buenos Aires/Madrid: Amorrortu.



- _____. (1937). Construcciones en el análisis. In S. Freud, *Obras completas*. (Vol. 23, pp. 255-270). Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1895). Proyecto de una psicología para neurólogos. In S. Freud, *Obras completas*. (Tomo 22), Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956.
- _____. (1939). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. (Vol. 23, pp. 117-150), Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- Gangnebin, J. M. (2006). Verdade e memória do passado. In J. M. Gangnebin, *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Editora 34.
- Green, A. (2002). Tiempo y memoria. In *La diacronía en psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Loraux, N. (1992). Elogio ao anacronismo. In A. Novaes (Org.), *Tempo e história*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Löwy, M. (2005/2001). *Walter Benjamin: aviso de incêndio*. São Paulo: Boitempo.
- Spence, D. (1982). *Narrative truth and historical truth: meaning and interpretation in psychoanalysis*. Nova York: Norton & Company.
- Tanis, B. (1995a). *Memória e temporalidade: sobre o infantil na psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2009a). Especificidade no processo de elaboração do luto na adolescência. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 43(3), 39-50.
- Viderman, S. (1970). *A construção do espaço analítico*. São Paulo: Escuta, 1990.
- Winnicott, D. W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 17/12/12

Aceito em 02/01/2013

Revisão técnica de **Magali Fischer**

Bernardo Tanis

Rua Capote Valente, 432/142, Pinheiros
05409-001 – São Paulo – SP – Brasil
e-mail: bernardo.tanis@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA